

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasileiro Class.: PIX-Quarup/Vizetas

Data: 11/08/85 Pg.: 709

Índios e brancos se preparam para viver Quarup

Quatro ministros já confirmaram presença. Os convidados disputam vagas nos aviões do governo

ADRIANO LAFETA
Da Editoria Nacional

A festa do Quarup, homenagem aos parentes mortos dos caciques do Xingu que culminará no próximo domingo com grande festa na aldeia Yawalpiti, já começou para índios e brancos. Os primeiros pescam na região os peixes a serem oferecidos aos convidados e os últimos disputam, em Brasília, vagas nos aviões do governo, entre os quais três Búfalos da Força Aérea Brasileira.

A lista de brancos somente deverá ser concluída amanhã, mas já haviam confirmado presença, até este fim de semana, os ministros do Interior, Ronaldo Costa Couto; da Cultura, Aluisio Pimenta; da Justiça, Fernando Lyra; e do Trabalho, Almir Pazzianotto. Octávio Moreira Lima, da Aeronáutica, ainda não havia se decidido. Mas os aviões levarão também mais de 50 jornalistas, inclusive estrangeiros, parlamentares e muitos curiosos.

Orlando Villas Boas, sertanista que viveu 39 anos no Xingu, estará presente após oito anos

sem assistir ao Quarup. O escritor Antônio Callado, autor de um romance que leva o nome do ritual indígena, e o antropólogo e vice-governador do Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro, também foram convidados e constavam da lista do Ministério da Cultura. Ao todo, calcula-se que irão em torno de 100 brancos.

"Eu só conheço este ritual através de livros. E, na verdade, de maneira geral, todos nós desconhecemos a cultura do índio. E este desconhecimento a causa de muitos equívocos". A declaração é do ministro Aluisio Pimenta, mas seus colegas certamente não diriam diferente. O único ministro de Estado a assistir o Quarup foi Mário Andreazza, então na pasta do Interior, em agosto de 1979.

OS MORTOS

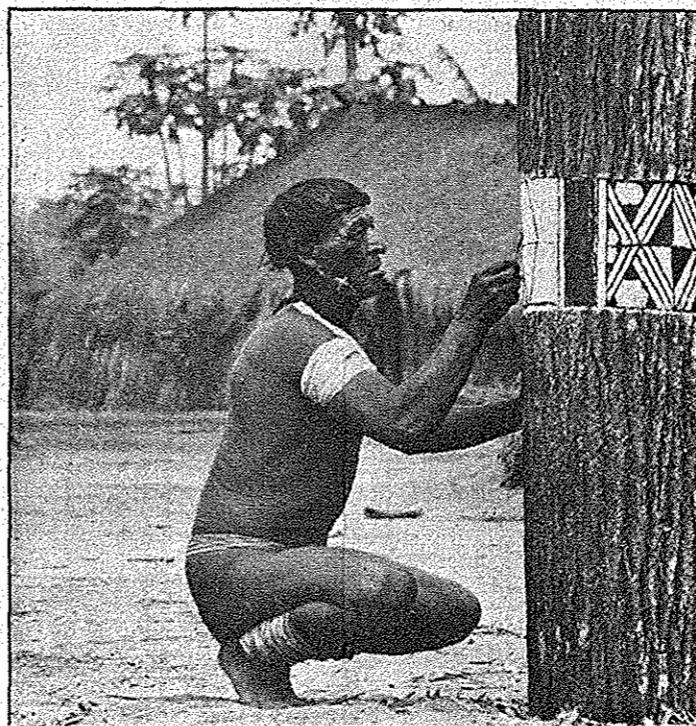
O que os brancos vão ver no Xingu é o término do período de luto pela morte prematura dos sobrinhos do pajé Takumá dos Kamaurá — Maraukapá, de 16 anos, e Menhu, de 17 — e da filha de dois meses do cacique dos Yawalpiti, o musucoloso Aritana, campeão de luta huka-

huka, um dos pontos altos do Quarup. Os mortos estarão representados por troncos enfeitados como se o homenageado estivesse vivo.

Os preparativos foram iniciados há cerca de duas semanas, quando Takumá e o cacique de sua tribo, Sapaim, determinaram que fossem realizadas as pescarias e reservada grande porção de farinha de mandioca para o preparo de beijus. A esses alimentos, adiona-se, ainda, o pequi, e a fartura é fundamental para que os índios do Xingu — aversos à avareza — não sejam considerados mesquinhos.

Os pescadores retornarão à aldeia na quarta-feira e na sexta partem os "pariats", mensageiros, que visitarão todas as nove tribos do Alto Xingu, convidando os índios para o ritual. No mesmo dia começa a preparação e ornamentação dos troncos, que chamam de Quarup. Cada um representando um morto homenageado, eles são pintados e adornados com penachos, colares, fios de algodão, braçadeiras de penas de passaros e outros enfeites.

As mulheres não podem ver



Preparação do tronco para o Quarup

os troncos antes da festa. Por isso, eles são cortados com antecedência e escondidos no mato, nas proximidades da aldeia. Enquanto um grupo de homens pinta e ornamenta os troncos, outro dança em volta e os pajés cantam. Depois eles são levados para o centro da aldeia e fincados verticalmente no solo. Só então as mulheres e as crianças se aproximam, trazendo os últimos enfeites.

O momento é de choros e lamentações pelos mortos, que seguem noite adentro, com os troncos iluminados por fogueiras. Acampados fora da aldeia, os visitantes das tribos vizinhas, se juntam aos patrocinadores da festa, após um grande grito que marca o início efetivo do ritual. Cerca de mil índios permanecerão em vigília até a manhã seguinte, quando jovens índios, na faixa de 16 a 17 anos, mantidos em reclusão nas malocas por mais de três meses, serão apresentados.

Durante o período de reclusão, sem ver a luz do sol, esses jovens, rapazes e moças, aprendem a fazer arcos, flechas, pentes e outros artigos. Os homens

são, ainda, iniciados na técnica da luta huka-huka. Ao deixarem as malocas, são considerados como prontos para as atividades produtivas e reprodutivas. Nesse momento, acompanham os tocadores de uruá (uma espécie de flauta) pela aldeia, dançando com as mãos em seus ombros.

A luta huka-huka se assemelha ao sumô, de estilo oriental. Os lutadores, de pé, um em frente do outro e curvados para frente, giram em sentido horário. O que consegue agarrar primeiro as pernas e a nuca do adversário é o vencedor. "Vale mais a técnica ou a força?", quis saber do campeão Aritana o ministro Ronaldo Costa Couto. "Isso é segredo", foi a resposta do lutador, que estará competindo no próximo domingo.

Índios de diversas tribos, muito prestigiados pelas mulheres, se revezam no huka-huka. Ao final da competição, os troncos do Quarup são retirados e jogados no rio Tuaturi. Os índios, então, choram pela última vez os mortos-homenageados, cujos espíritos deixarão para sempre o convívio tribal.